

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de São Paulo

Class.: 924

Data: 13.09.76

Pg.: _____

Denunciada séria violência em área indígena no Sul

Do correspondente em LONDRINA

O índio Antonio Domingos ficou três dias amarrado em uma árvore, com sinais de espancamento por todo o corpo, enquanto outro índio, Antonio Caneró, foi ameaçado de morte caso se opusesse ao sequestro de quatro mulheres, entre as quais sua esposa. Outros dois índios, Elias e João Cego, tiveram suas casas derrubadas, e a índia Cema Caneró foi violentada por sete homens.

Estas e outras arbitrariedades foram praticadas por guardas florestais da reserva indígena Nonoai, na localidade de Rio da Várzea, município gaúcho de Rodeio Bonito, e deverão ser denunciadas numa nota oficial do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), que nos últimos dois dias reuniu seu setor regional sul em Xaxerê, Santa Catarina. Algumas informações dessa nota foram divulgadas ontem em Londrina pelo padre Egydio Schwade, secretário geral do Cimi, segundo o qual os índios que estão sendo espancados na reserva Nonoai pertencem a um grupo de cerca de 100 Caingangues, que estão resistindo às pressões e ameaças dos guardas e não querem se retirar de sua antiga reserva.

"Em 1949 — explica o padre Egydio — a área dos índios foi transformada em reserva florestal pelo governo do Rio Grande do Sul, que conseguiu iludir a Assembléia Legislativa local. O próprio governo do Estado grilou essa área e, desde então, os índios passaram a ser ameaçados e amedrontados." As arbitrariedades são cometidas pelos guardas florestais que, no último dia 12 de agosto, agrediram a menor Belmira Vitorino Caneró, pertencente a um grupo de Caingangues da reserva, quando tentavam seduzi-la. Nesse mesmo dia, retiraram Antonio Domingos à força de sua casa e o mantiveram amarrado a uma árvore durante três dias, depois de espancá-lo.

APOIO

Ainda no mês passado, destruíram a casa de Antonio Caneró, que havia se recusado a abandoná-la. Além disso, segundo o secretário do Cimi, os guardas tentam estabelecer o câmbio de mulheres índias. "Recentemente — diz ele — procuraram Antonio Caneró e exigiram, sob ameaças de morte, que ele lhes cedesse quatro mulheres, entre as quais sua esposa. E também tentaram comprar a filha menor de uma viúva."

Por várias vezes, os missionários entraram em contato com autoridades do Departamento de Flora e Fauna da Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul, que não só assumiram as arbitrariedades cometidas por seus guardas, como deixaram clara sua intenção de expulsar os índios ou transferi-los para outra área. Na nota oficial de denúncia das violências cometidas contra os índios, o Cimi deverá também solicitar o afastamento imediato dos guardas florestais envolvidos e a demissão dos mandantes desses crimes.

"Também reafirmaremos

nosso apoio ao governo do Rio Grande do Sul, para que aplique a lei aprovada pela Assembléia Legislativa em 1968, que reincorporava a reserva indígena de Nonoai às áreas da reserva florestal", explicou padre Egydio. Nesse sentido, o Cimi também apelará ao INCRA e a Funai para que os índios e colonos "não necessitem viver atemorizados, sem condições de trabalho e em situação de penúria, com a ameaça de a qualquer momento serem transferidos para a Amazônia".

PALESTRA

Na palestra que fez ontem aos estudantes da Universidade de Londrina, dentro da II Semana de Atualidades promovida pelo Diretório Central dos Estudantes, o secretário geral do Cimi explicou que a causa principal dos frequentes conflitos entre indígenas e colonos, nos últimos anos, é a invasão de terras, de forma brutal, e as agressões aos territórios indígenas e aos seus povos. "Para o índio — diz ele — o ataque mais bárbaro é expulsá-lo de suas terras."

Padre Egydio fez um apelo para que haja uma proteção de todas as forças vivas do mundo à causa dos índios, "pois acredito que os povos que conseguirem sobreviver poderão nos dar profundas lições, que talvez tirem nossa sociedade da situação de falência em que se encontra. E talvez voltemos a valorizar mais o homem e não apenas o lucro".

"Temos que incentivar isto e acabar com muitas coisas que foram feitas antes e que são mais uma presença colonialista do que de confiança para estes povos", disse ele, admitindo, entretanto, que ultimamente "já estão aparecendo pequenos sinais mais positivos no tratamento dado ao índio pela Funai". Segundo padre Egydio, as divergências entre este órgão e o Cimi residem basicamente nesse tratamento: "o Cimi considera o índio uma pessoa humana, com os mesmos direitos dos demais habitantes do País, enquanto a política oficial ainda é de tutela, colocando o índio numa posição inferior."

Depois de traçar um panorama da situação dos índios brasileiros — dividindo-os em cinco grupos, segundo suas condições de vida —, o padre Egydio alertou para o problema da tribo Xetá, que no passado já foi numerosa e atualmente está praticamente extinta no Paraná. "Os paranaenses conseguiram matar os Xetás nos últimos vinte anos: só quatro índios dessa tribo sobreviveram e todos eles são homens. Dois estão no posto indígena de Ortigueira e os outros dois no de Guarapuava". Entre os grupos citados pelo padre, aquele em situação mais grave é o dos "povos sob a mira das estradas, do latifúndio, do minério e da 'catequese' da Funai, como os Krenakarore, as tribos do Parque Nacional do Xingu, os Nhambiquaras, os Suruí e muitos outros, que vêm sendo sistematicamente sacrificados pelo progresso e pelo assim chamado desenvolvimento, sobretudo em busca do boi e do minério.